

**A DEMOCRACIA: UM JORNAL DOS OPERÁRIOS SOCIALISTAS DE PORTO ALEGRE (1905-1907)**

Nauber Gavski da Silva<sup>1</sup>

Dentre as fontes mais importantes para investigar tanto o dia-a-dia e os momentos cruciais da história dos operários, como as redes de relações e de difusão cultural entre eles no final do século XIX e primeiras décadas do XX, está sua imprensa periódica.

Maria Nazareth Ferreira, em sua pioneira obra sobre a imprensa operária no Brasil, já observava que, na tentativa de semear seus ideais, os militantes necessitavam suportes para veicular sua mensagem, razão pela qual criaram uma imensa quantidade de jornais que cruzaram o território brasileiro de ponta a ponta, implantando uma rede de comunicação que jamais existira no país.<sup>2</sup> Essa imprensa, portanto, não se limitou a difundir idéias e atrair aliados, mas foi também um instrumento de organização social dos operários.

É nesse quadro que situamos o semanário *A Democracia*, matéria principal desta comunicação. Este periódico socialista de Porto Alegre, fundado em 1905 e cuja importância poderá ser avaliada logo adiante, foi durante muitos anos desconhecido pelos pesquisadores, pois como costuma acontecer com jornais operários, seus números remanescentes não estavam abrigados por arquivos ou bibliotecas públicas, mas sim por diferentes particulares. Apesar disso, já fora citado brevemente por Walter Spalding em seu livro *A imprensa e o livro no pavilhão cultural, 1835-1935*, publicado por ocasião do primeiro centenário da Revolução Farroupilha.<sup>3</sup>

Foi nos anos 80, quando o tema da história operária já começara a despertar o interesse dos pesquisadores no Rio Grande do Sul, que as referências a este periódico começam a aparecer nos trabalhos do jornalista e pesquisador João Batista Marçal<sup>4</sup>. Ele provavelmente possuía alguns exemplares ou obtivera sua cópia, pois

---

<sup>1</sup> Licenciado e Bacharelado em História (UFRGS), bolsista de Iniciação Científica (CNPq). [naubergs@yahoo.com.br](mailto:naubergs@yahoo.com.br)

<sup>2</sup> FERREIRA, M. Nazareth. *A imprensa operária no Brasil. 1880-1920*. Petrópolis, Vozes, 1978. p. 15 e 104.

<sup>3</sup> SPALDING, Walter. *A imprensa e o livro no pavilhão cultural, 1835-1935*. Porto Alegre, Typografia do Centro, 1935.

<sup>4</sup> MARÇAL, João Batista. *Primeiras lutas operárias no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, Globo, 1985.

**IV Jornadas do GT Mundos do Trabalho – RS. A Pesquisa do Trabalho – 1917,  
Noventa anos da Revolução Russa e das Greves Gerais no Brasil.**

**Pelotas, 08 a 11 de outubro de 2007.**

transcrevia trechos desse jornal em seus trabalhos. Também nesses anos, a professora Sílvia Petersen (da UFRGS) localizou um exemplar na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro e dois na Coleção Agostinho José Lourenço, da Biblioteca Rio-Grandense de Rio Grande.

Foi nos anos 90 que o Museu da Comunicação Social Hipólito José da Costa, de Porto Alegre recebeu de um particular a doação do que constitui parte mais numerosa da coleção que foi reproduzida nesse CD. Naquela oportunidade, Petersen obteve a permissão de microfilmar esses exemplares, com o compromisso de, ao restituir os originais, dar uma cópia do microfilme para o acervo daquela instituição, o que foi feito.

Na medida em que se ampliava a pesquisa sobre a história operária no Rio Grande do Sul e que o jornal ia sendo conhecido, *A Democracia* foi se tornando um material obrigatório de consulta, sobretudo para a primeira década do século XX. A coleção conhecida se ampliou quando o Prof. Benito Schmidt (também da UFRGS), escolheu como tema de sua tese de doutorado<sup>5</sup> a biografia de dois importantes líderes socialistas gaúchos, Carlos Cavaco e Francisco Xavier da Costa, sendo este último nada menos do que o fundador d'*A Democracia*. Durante a elaboração da tese, ele manteve vários contatos com a Sra. Anita Xavier da Costa, filha daquele militante, e que entre muitas outras colaborações, emprestou-lhe os números que possuía do referido jornal. Ao receber de volta esse material, a senhora Anita, consciente do valor histórico do mesmo, houve por bem doá-lo ao Arquivo Histórico de Porto Alegre Moysés Vellinho, que abriga desde então estes exemplares d'*A Democracia*, que completam algumas lacunas da coleção existente no Hipólito da Costa. Por outro lado, faz parte do acervo pessoal de João Batista Marçal o primeiro número do jornal, que também foi disponibilizado para esta edição digital.

Foi devido ao seu valor como fonte histórica, à raridade de seus exemplares, à dispersão dos mesmos entre diferentes instituições e ao fato de que, com o passar do tempo, é natural que os originais possam se danificar pelas sucessivas consultas,

---

<sup>5</sup> A tese foi publicada em 2004: SCHMIDT, Benito Bisso. *Em busca da terra da promessa: a história de dois líderes socialistas*. Porto Alegre, Palmarinca, 2004.

que Petersen resolveu publicar esta edição. Em razão da proveniência dos recursos do CNPq que possibilitaram a publicação, ela será distribuída gratuitamente a bibliotecas, instituições e centros de pesquisa e documentação onde possa ser consultada por um maior número de interessados.

Aparentemente, *A Democracia* teve 65 números publicados entre 1º de maio de 1905 e 12 de agosto de 1907. Entretanto, não foi possível localizar nenhum exemplar de oito destes números (12, 24, 27, 28, 36, 44, 47 e 59). Desta forma, a edição digital oferecerá aos leitores 57 exemplares divididos em três anos.

#### AS ORIGENS D'A DEMOCRACIA

Na época da sua fundação, em 1º de maio de 1905, *A Democracia* era propriedade da empresa “Diamico & C.”, pertencente a Paulino Diamico, João Martinewski e Antônio Heit, também proprietários da Tipografia Internacional, editora da folha. Como redator, é nomeado Francisco Xavier da Costa, responsável pela grande maioria dos textos publicados até a extinção do jornal, provavelmente em agosto de 1907.

O principal redator e depois co-proprietário do *A Democracia*, Francisco Xavier da Costa, nasceu em Porto Alegre na década de 1870, filho mulato de um baiano e uma gaúcha. Originário de família pobre, precisou trabalhar aos onze anos devido à morte do pai, assumindo o papel de “homem da casa”. Na ocasião, conseguiu emprego em uma oficina de tipografia de proprietários de origem alemã, o que lhe possibilitaria o contato com o idioma germânico e ajuda a explicar as sessões dedicadas ao público operário desta etnia nas páginas da folha e possivelmente o eventual acesso de Costa a publicações socialistas neste idioma.

Assim, a tipografia, a litografia e a caricatura abriram as portas para a inserção de Xavier da Costa no nascente movimento operário gaúcho e ele ingressa na Sociedade Tipográfica em 1892. A partir de 1895, passa a colaborar na *Gazetinha* (jornal que divulgava as idéias dos socialistas de Porto Alegre na década de 1890) como ilustrador e chargista crítico da exploração patronal. Em 1895, é escolhido

**IV Jornadas do GT Mundos do Trabalho – RS. A Pesquisa do Trabalho – 1917,  
Noventa anos da Revolução Russa e das Greves Gerais no Brasil.**

**Pelotas, 08 a 11 de outubro de 2007.**

presidente da recém-fundada Liga Operária Internacional. Como aponta Benito Schmidt, “possivelmente, foi na Liga que Xavier da Costa iniciou, de fato, sua trajetória de líder operário, passando a exercer influência sobre outras categorias profissionais. Talvez isso só tenha se tornado viável pelo fato de ele conhecer o idioma alemão, pois a sociedade congregava muitos trabalhadores teutos e teuto-brasileiros.”<sup>6</sup> Neste momento, nosso personagem se tornaria um dos principais defensores da implantação da jornada de trabalho de oito horas por dia.

O primeiro exemplar d’*A Democracia* surge no 1º de Maio de 1905, data que “assinalou, para os socialistas da capital gaúcha, a retomada da sua liderança junto aos trabalhadores organizados da cidade, depois de um certo refluxo no início do século determinado pelas disputas internas ocorridas após o Congresso de 1898.”<sup>7</sup> Os militantes socialistas aproveitaram para publicar o programa do recém-criado Partido Operário Rio-grandense e iniciaram a campanha pelo alistamento eleitoral dos trabalhadores.

Três meses depois de seu lançamento, em agosto de 1905, a direção do jornal é alterada. Com uma nova faixa abaixo do título, é apresentado o mesmo redator, mas os proprietários passam a ser “Costa & Heit”, assumindo o cargo de gerente Antonio Heit. Através de um artigo de capa é anunciada a dissolução da empresa “Diamico & C.”, com a saída de Paulino Diamico e João Martinewski, que também se desligam da Tipografia Internacional, embora esta ainda permaneça editando o jornal.

A partir da sua segunda fase (fim de 1906 - início de 1907), *A Democracia* passa a ser editada pelo “Club Imprensa Operária” e redigida por uma comissão formada por Francisco Xavier da Costa (diretor), Wilhelm Koch, M. Pereira, G. Antheur, F. da Silva Duarte e Julius Mark, sendo a administração confiada a Alberto Kruse (primeiro secretário da União dos Chapeleiros). Alguns desses companheiros tiveram destaque na militância socialista em Porto Alegre daqueles anos. Além disso, o endereço oficial do jornal que inicialmente aparecia como Rua Vigário José Ignácio, nº 48A, passa para a Rua Vasco Alves, nº 29 (sempre em Porto Alegre), onde estava

---

<sup>6</sup> SCHMIDT, *Opus cit.*, p. 79.

<sup>7</sup> *Idem*, p. 131.

#### **IV Jornadas do GT Mundos do Trabalho – RS. A Pesquisa do Trabalho – 1917, Noventa anos da Revolução Russa e das Greves Gerais no Brasil.**

**Pelotas, 08 a 11 de outubro de 2007.**

a sede do Grêmio de Artes Gráficas e Correlatas (cujo presidente era o redator desta folha). De qualquer forma, também os endereços de vários agentes da folha são indicados na sessão “Expediente”, o que demonstra o envolvimento de muitos militantes na produção e divulgação do jornal.

Segundo João Batista Marçal, em agosto de 1907, a secretaria do jornal é assumida por Manoel P. Campos (a partir do número 60). *A Democracia* teria circulado até 1908, quando foi substituída pelo *Avante*. Todavia, não encontramos nenhum exemplar posterior a agosto de 1907.

Durante sua publicação, o semanário investiu na organização das diversas categorias de operários, estimulando a criação de entidades profissionais de resistência. Também aqui o prestígio de Xavier da Costa é notável, estabelecendo relações políticas e pessoais com diversos militantes, inclusive anarquistas. Em outubro de 1906 estoura a primeira greve geral de Porto Alegre (e do RS), chamada “Greve dos 21 dias”, que entre outras demandas buscava a redução da jornada de trabalho para oito horas. Neste contexto, apesar da crescente influência anarquista no movimento operário, são os socialistas que conseguem liderar, através das figuras de Xavier da Costa e Carlos Araújo Cavaco (O Cavaco). Tendo como resultado a promessa patronal de implementação em média de uma jornada de nove horas, os operários se vêem obrigados a retomar as reuniões sobre o tema no final daquele ano e início de 1907, visto que os empresários não cumpriram o prometido. É também neste período que ressurge *A Democracia*, em sua segunda fase, alertando os operários para o golpe patronal.

Em fevereiro de 1907 aparece em nossa folha todo o calor da polêmica entre socialistas e anarquistas que ocorria na militância de Porto Alegre, quando as gentilezas entre os dois grupos passam a ser substituídas por acusações, provocações e ataques à honra, exatamente logo após a primeira grande mobilização do movimento operário gaúcho. Em artigo intitulado “Organização”, *A Democracia* faz uma veemente defesa do socialismo como doutrina a ser seguida pela classe operária, alertando: “[...] *nada de extremos meios de luta quando não o exigam*

#### IV Jornadas do GT Mundos do Trabalho – RS. A Pesquisa do Trabalho – 1917, Noventa anos da Revolução Russa e das Greves Gerais no Brasil.

Pelotas, 08 a 11 de outubro de 2007.

*extremas necessidades*<sup>8</sup>, advertência que provavelmente se referia às presumíveis ações diretas anarquistas. A partir do fim do mês, os argumentos de combate ao anarquismo na capital aparecem com uma face mais agressiva, sendo que praticamente todo o n° 45 (de 28/02/1907) é dedicado a este propósito. Alguns artigos da edição atacam a concepção anarquista de família, seus supostos violentos métodos de luta (“Os Dinamitistas”; “Mais uma dos ‘muckers’”) e terminam com ataques pessoais ao “*judeu*” José Rey Gil e ao “*pretensioso, petulante e mal criado Stefan Michalski*”, dois dos mais destacados militantes do grupo do periódico anarquista *A Luta*.<sup>9</sup>

Nesta segunda fase do semanário socialista, abundam os artigos que tratam desta polêmica, que pautará também nos anos seguintes a disputa pela hegemonia doutrinária do movimento operário gaúcho. Após ter mergulhado nas polêmicas com os anarquistas, no início da década de 1910, Francisco Xavier da Costa se aproxima do PRR (Partido Republicano Rio-grandense, do presidente do Estado Borges de Medeiros), sendo eleito na chapa do intendente José Montauray como conselheiro municipal (cargo que ocupou entre 1912-1920 e 1928-1930), conseguindo ser o primeiro operário em tal cargo na capital. Todavia, se a eleição não significou o fim da atuação de Xavier da Costa junto ao operariado local (muito pelo contrário), ao menos implicou uma perda significativa da influência dos socialistas entre a classe durante o período, em benefício da ação dos anarquistas. Faleceu em 1934 deixando vários filhos.

#### ALGUNS DEBATES E TEMAS VEICULADOS N'A *DEMOCRACIA*

Por ser um jornal que assumia o estatuto de “órgão do Partido Operário” e a defesa da participação política do operariado, como forma de conquista dos direitos que a sociedade capitalista lhe negava, não devemos estranhar a campanha que veiculou pelo alistamento eleitoral dos operários, além das opiniões envolvendo as

<sup>8</sup> *A Democracia*. Porto Alegre, 7-2-1907, p. 1.

<sup>9</sup> José Rey Gil era dirigente a União Operária Internacional e Stefan Michalski do Sindicato dos Marmoristas, em Porto Alegre.

#### **IV Jornadas do GT Mundos do Trabalho – RS. A Pesquisa do Trabalho – 1917, Noventa anos da Revolução Russa e das Greves Gerais no Brasil.**

**Pelotas, 08 a 11 de outubro de 2007.**

eleições estaduais e federal, bem como as polêmicas travadas entre seus redatores e os porta-vozes das autoridades públicas. Dentre as mais vigorosas, destaca-se a série de artigos denunciando as atrocidades cometidas na Casa de Correção (cadeia pública) em Porto Alegre, fruto das queixas dos presos a Francisco Xavier da Costa quando este visitara aquela instituição. Em outra contenda, o redator d'*A Democracia* debate pela imprensa com o diretor do jornal *A Federação* (órgão do Partido Republicano Rio-grandense), Octávio Rocha, “*burguês que é*”. Além disso, Xavier da Costa publicou “*cartas abertas*” ao intendente municipal, José Montaury, reivindicando melhores salários aos operários que trabalhavam para a administração pública. Posteriormente, uma série de crônicas tratando da varíola no estado é precedida por um artigo dirigido “À Inspetoria de Higiene”, alertando este órgão para a gravidade da situação da saúde pública no Rio Grande do Sul. Além do Poder Executivo, há diversos artigos pondo em questão a efetiva igualdade de tratamento dispensado pela Justiça às diversas classes sociais, merecendo destaque o caso do “*crime de Viamão*”, acerca do defloramento de duas jovens humildes por homens de elevada posição social.

Por outro lado, se o Estado era identificado como um dos responsáveis pelas condições de vida do operariado, não menor peso era conferido às práticas da burguesia local quando o assunto era a questão social. Desta forma, há inúmeras denúncias nas páginas d'*A Democracia* contra as “*explorações patronais*” nas fábricas, oficinas e curtumes do Rio Grande do Sul. Neste sentido, são feitas denúncias que vão de acidentes de trabalho ao descumprimento de promessas patronais, como foi o caso da tentativa de não reduzir a jornada de trabalho para nove horas depois da greve geral de Porto Alegre em 1906.

*A Democracia* também discutia e divulgava outros temas que interessavam à classe leitora desta folha, como o problema das habitações para os operários, a educação pública e a educação socialista através dos textos de C. Novel, os hinos operários e poemas/poesias, as diversões em clubes, os festejos/protestos do 1º de Maio em edições especiais, as crônicas sobre a vida do operariado, a condição da mulher, os anúncios de produtos destinados ao consumo da classe, a divulgação de

empregos disponíveis na capital, os folhetins com temas de interesse popular, as biografias (geralmente notas fúnebres) de militantes locais ou de reconhecimento mundial, os textos dedicados ao público teuto, as notícias diversas na coluna “Várias” e os avisos destinados às entidades organizadoras da classe no estado.

Quanto ao noticiário internacional veiculado n’*A Democracia*, ele é muito escasso, e por isso mesmo merece destaque a publicação de um convite para que os gráficos locais participassem do Congresso Internacional Gráfico em Buenos Aires, em 1907.<sup>10</sup> Talvez o convite se devesse a figura do próprio Xavier da Costa, gráfico, fundador do Grêmio das Artes Gráficas e Correlatas e diretor do semanário porto-alegrense.

### EDIÇÃO, COMERCIALIZAÇÃO E CIRCULAÇÃO

Como a maioria dos periódicos operários da época, *A Democracia* era editado em 4 páginas. Quanto ao seu formato, observamos duas variações: entre os números 1 e 5, ou seja, aproximadamente durante um mês, aparece medindo cerca de 36 x 26 cm, com 4 colunas de texto em cada página. Todavia, em seu primeiro número, os proprietários já declaram sua intenção de aumentar o jornal. Já a partir do seu sexto número e até a última edição localizada, o jornal aparece medindo cerca de 46 x 33 cm, com 5 colunas por página, aumentando, dessa forma, a quantidade de espaço dividido entre textos variados e anúncios publicitários.

Durante todo o Ano I do jornal, as assinaturas custavam 8\$000 por doze meses, 5\$000 por semestre ou 200 réis cada número avulso. Publicado aos domingos, aceitava “*anúncios e outras publicações pelo que se convencionar*”. Já a partir de sua segunda fase (Ano II, iniciado com o número 34 em dezembro de 1906), *A Democracia* aparecia ao público nas quintas-feiras, sendo vendida pelos mesmos valores do Ano I (com exceção da assinatura semestral que passou a custar 4\$000). Em ambas fases, exigia-se “*pagamento adiantado*”. Sobre as assinaturas, esta nota é bastante expressiva para caracterizar a constante necessidade de recursos:

<sup>10</sup> *Idem*, 24-3-1907. p. 2; 7-4-1907. p. 2 e 12-8-1907. p. 2.



**IV Jornadas do GT Mundos do Trabalho – RS. A Pesquisa do Trabalho – 1917,  
Noventa anos da Revolução Russa e das Greves Gerais no Brasil.**

**Pelotas, 08 a 11 de outubro de 2007.**

Aviso aos companheiros assinantes d'*A Democracia*, que, aos domingos o cobrador fará as devidas visitas, e caso os companheiros saiam de casa, peço deixarem a importância da assinatura em mão de qualquer pessoa, para evitar segunda visita, atendendo que o cobrador tem a cidade dividida em zonas e dias determinados. O Tesoureiro, Antonio Budzin.<sup>11</sup>

Além dos vários pontos de comercialização e das residências de militantes que também cumpriam esse papel, para ampliar o mais possível a circulação, os diretores d'*A Democracia* esclareciam a cada momento: *"As pessoas que, residentes em lugares onde ainda não tenhamos agentes, e queiram receber a folha, devem enviar a importância da assinatura, descontado o respectivo porte, em carta registrada, com valor declarado, e na volta do correio receberão o jornal."*<sup>12</sup>

Um indicador da circulação da folha no Rio Grande do Sul é o quadro dos seus representantes, que surge nas colunas a partir de agosto de 1905. Algumas cidades são listadas ao lado do nome do agente, tais como São Leopoldo, São João de Montenegro, Cachoeira, Guaporé, Bento Gonçalves, "colônias italianas", Alegrete e Bagé. Em todo caso, como verificamos acompanhando a publicação do periódico durante seus dois anos e três meses de existência, há uma grande lacuna na sua distribuição entre janeiro e novembro de 1906, momento em que o jornal deixa de ser redigido. Se até o final de 1905 os editores se vangloriavam da boa receptividade que a folha obtivera entre a imprensa e o operariado em geral, "esse apoio inicial foi diminuindo ao longo do ano e, em dezembro, os proprietários decidiram encerrar a publicação do *A Democracia*, pois a maior parte das assinaturas não estava sendo paga."<sup>13</sup> Assim, o último número desta fase (nº 33, de 24-12-1905) apresenta na capa o artigo "‘*A Democracia*’. Em retirada", e justifica: " [...] esta folha, fundada e sustentada com sacrifícios por dois operários, fundada e sustentada unicamente para a defesa dos interesses da nossa classe – desaparece porque lhe falta auxílio do próprio elemento em prol da qual surgiu na arena". A gravidade da crise econômica do jornal fica estampada na nota presente no mesmo número: "[...] aos raros

---

<sup>11</sup> *Idem*, 13-7-1907. p. 4.

<sup>12</sup> *Idem*, 14-5-1905. p. 1.

<sup>13</sup> SCHMIDT, *Opus cit.*, p. 142.

**IV Jornadas do GT Mundos do Trabalho – RS. A Pesquisa do Trabalho – 1917,  
Noventa anos da Revolução Russa e das Greves Gerais no Brasil.**

**Pelotas, 08 a 11 de outubro de 2007.**

*fornecedores que pagaram suas assinaturas além de 1905 - e que são apenas dois, um em Cruz Alta e outro em S. Sebastião do Caí - remeteremos dentro de poucos dias o saldo que a seu favor acha-se em nosso favor”.*

O Ano II, inaugurado em 09-12-1906 com o exemplar do seu ressurgimento, apresenta uma efígie de Karl Marx dominando a capa, seguida por um longo artigo tratando da vida e obra do pensador alemão. O reaparecimento do jornal é noticiado como fruto dos esforços de *“meia dúzia de batalhadores insuspeitos e encorajados, de cujo número destaca-se o ardoroso lutador, o apóstolo da doutrina do socialismo – Francisco Xavier da Costa.”*<sup>14</sup>

Em todo caso, apesar do triunfo alcançado por seus colaboradores, que conseguiram recuperar um órgão da imprensa operária gaúcha que enfrentou sérias dificuldades financeiras em seu primeiro ano de existência, apenas dois meses após seu reaparecimento a folha é obrigada a explicar *“à classe operária [...] e ao público em geral”* os fatores que lhe empurraram rumo a uma nova crise.

Assim, além da denúncia de que *“indivíduos canalhas, dominados pela inveja, espalham o boato de que esta folha tem deixado de ser publicada com regularidade devido a estar endividada”* (provavelmente referindo-se aos anarquistas do jornal *A Luta*), os redatores tentam explicar os motivos das dificuldades encontradas nas últimas semanas:

Circunstâncias [...] de momento, dentre as quais salientam-se as obrigações profissionais de que tiram os meios de subsistência os redatores e administradores desta folha, têm resultado irregularidade na publicação dela, nas duas últimas semanas.

Assim é que, o número passado deste órgão apareceu com atraso e o mesmo sucede com o presente, apesar dos esforços que temos praticado para evitá-lo.

Demais, o fato de não possuímos oficinas tipográficas próprias muito e muito influi no sentido de não ser dada à estampa tal qual desejamos o nosso órgão.<sup>15</sup>

Desse modo, as crises financeiras enfrentadas pelo jornal ou mesmo as dificuldades pessoais daqueles trabalhadores que se propunham publicar folhas para

<sup>14</sup> *A Democracia*. Porto Alegre, 9-12-1906. p. 3.

<sup>15</sup> *Idem*, 14-2-1907. p. 1.

**IV Jornadas do GT Mundos do Trabalho – RS. A Pesquisa do Trabalho – 1917,  
Noventa anos da Revolução Russa e das Greves Gerais no Brasil.**

**Pelotas, 08 a 11 de outubro de 2007.**

a classe operária, fizeram com que *A Democracia* não escapasse à tendência freqüente das publicações dedicadas a este público específico: crise financeira, apelo aos apoiadores, campanhas para arrecadação de fundos, quando não agregavam a estas circunstâncias a invasão de suas redações pela polícia ou o recolhimento de edições inteiras, com os prejuízos fáceis de aquilatar. Em todo caso, nos últimos números consultados, não localizamos nenhuma referência que indicasse o fim ou suspensão temporária da publicação do jornal.